

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XXIII



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1984

RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS

LIRO KAJANTO, *The Latii Cognomina*, Helsínquia, 1965, 418 pág. Reimpressão: Giorgio Bretschneider Editore, Roma, 1982.

Apesar do constante aumento do número de inscrições romanas conhecidas, atestando bastas vezes novos antropónimos — o certo é que esta reimpressão do livro clássico de I. Kajanto sobre os cognomes latinos, em boa hora levada a efeito pela dinâmica iniciativa de G. Bretschneider, se apresenta não só (ainda) útil como fundamental.

Na verdade, se de 1965 para cá novidades não faltaram a complementar os dados antroponímicos fornecidos pelo GIL e seus suplementes (em que Kajanto se baseou), também se pode afirmar que eles serviram (quase) sempre para confirmar as tendências gerais apontadas por aquele investigador sueco, às quais, por conseguinte, ainda hoje nos podemos ater com segurança.

Por outro lado, a obra era demasiadamente rara, sendo pouquíssimas as boas bibliotecas que a possuíam, servindo-se os epigrafistas de exemplares fotocopiados a muito favor.

E não seria preferível uma 2.^a edição, actualizada? Talvez não neste momento, em que um pouco por toda a parte se procede a uma revisão sistemática do CIL, tarefa a completar dentro de 5 a 6 anos. E a utilização da informática na elaboração dos índices permitirá, nessa altura, rigorosa actualização do *The Latin Cognomina*. Não sabemos se terá sido esta a intenção do editor e do autor, mas a opção é manifestamente boa, o livro da maior utilidade.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

José GUILLEN, *URBS ROMA — Vida y costumbres de los Romanos. III — Religión y ejército*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1980. 628 pág., 8 estampas.

Terceiro volume duma obra que pretende traçar sintética panorâmica do que foram a vida e os costumes dos Romanos, este trabalho do Prof. José

Guillén impõe-se pela cuidada descrição de tudo quanto à religião e ao exército diz respeito. Situa-la-íamos na linha da história institucional alemã, de que é paradigma a coleção «Manuel des Antiquités Romaines», nomeadamente os volumes devidos a Marquardt, «Le cuite chez les Romains» (Paris, 1890) e «De l'organisation militaire chez les Romains» (Paris, 1891).

A sua fonte primordial são os textos clássicos, mas J. Guillén compulsou também bibliografia especializada actual que os esclarece e complementa, não se poupando a citações, feitas em inúmeras notas de rodapé, para apoiar as suas afirmações. Talvez aqui e além lhe pudéssemos apontar uma que outra falha: gostaríamos, por exemplo, de ver a bibliografia reunida no final ou no começo do volume, para nos darmos conta mais claramente do que foi consultado, embora o índice de autores modernos supra de certo modo essa lacuna. Assim, só para darmos um exemplo, cremos que seria de citar a investigação de R. E. Smith, *Service in post-Marian Roman army* (Manchester, 1958) importante para a compreensão das medidas adoptadas por Augusto, bem como os trabalhos de Ramsay Macmullen acerca da actuação do exército face ao mundo civil (*Soldier and civilian in the later Roman Empire*, Cambridge 1963, *Roman Imperial Ruinding in the Provinces*, «Harvard St. Class. Phil.» LXIV 1959 p. 207-235). Mas decerto isso afastaria J. Guillén do que se propusera: apresentar a religião e o exército do ponto de vista institucional, utilizando predominantemente a descrição dessas realidades em sucessivos momentos. Exemplifiquemos esta nossa observação:

— É focada a medida tomada por Galieno (e não por Caracala, como por lapso se escreve na pág. 508) de substituir os comandos militares senatoriais por profissionais oriundos da carreira equestre (p. 521); esse édito de 261 representa, quanto a nós, o termo duma evolução que se faz sentir durante todo o séc. n e a que Septímio Severo dera forte impulso abrindo aos militares de carreira um maior leque de opções administrativas e pondo já à frente das legiões Párticas, por si criadas, comandantes da classe equestre, à maneira do exército do Egipto. Essa perspectiva, parece-nos, não é abordada.

— Também no âmbito da religião, J. Guillén prefere quedar-se pelos aspectos oficiais, clássicos, mitológicos da religião romana, tal como ela nos é transmitida pelas fontes literárias. Não se fala expressamente daquela «outra» religião das zonas periféricas do Império, transmitida por milhares de inscrições votivas, documentando inclusive todo um pujante fenómeno de *interpretatio*. E mesmo no capítulo da relação entre a política e a religião, o culto imperial poderia ter merecido mais relevo do que as cinco páginas (p. 384-388) que lhe são particularmente dedicadas.

Por conseguinte, para o leitor peninsular, este trabalho de J. Guillén interessará como síntese bem lograda das instituições religiosas e militares romanas.

Depois de, no prefácio, ter chamado a atenção para o importante papel desempenhado pela religião e pelo exército na vida dos Romanos—«causas da grandeza e do sustentáculo do poder da *Urbs Roma*» (p. 11) — o Autor

caracteriza a religião romana como impregnada de conservadorismo, de arcaísmo até, avessa a mitos que não radiquem na realidade. Aqui assume particular relevo a investigação de mitologia comparada levada a cabo por Georges Dumézil, a que J. Guillén amiúde se refere. O culto privado, súplicas e sacrifícios, o culto público às tríadas pré-capitolina e capitolina, as características das outras divindades, os diferentes colégios sacerdotais, os deuses «importados» quer da Península Itálica quer da zona oriental do Império — são os temas abordados a seguir. O derradeiro capítulo, o IX (p. 381-406), dá uma sucinta panorâmica de aspectos religiosos durante o Império: a restauração religiosa empreendida por Augusto, o culto imperial, a introdução das religiões orientais (egípcias, sírias, o Cristianismo).

O tema *Exército* distribui-se por três primeiros capítulos de índole cronológica (Monarquia, República, Império) completados por outros três versando os comandos, as «forças complementares» (marinha, intendência e sanidade), meios e táticas. J. Guillén interessa-se de modo particular pelos aspectos de organização militar, não dando relevo, por exemplo, a aspectos da engenharia ou da proveniência étnica e social dos soldados.

Um bem elaborado índice analítico (p. 605-621) acaba por transformar este volume num bom elemento de consulta para quem deseje aprofundar noutras perspectivas a informação explanada. índice que é judiciosamente acompanhado por um outro de nomes próprios (deuses, pessoas e lugares antigos, autores modernos). As estampas, que fecham o volume, incluem gravuras e fotografias ilustrando alguns dos aspectos focados.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

Alain TRANOY, *La Galice Romaine (Recherches sur le nord-ouest de la Péninsule Ibérique dans l'Antiquité)*, Diffusion de Boccard, Paris, 1981. 602 pág., XXXVI mapas, XVI estampas.

Torna-se muito difícil sintetisar, ñas poucas linhas duma recensão bibliográfica por mais dilatada que seja, o conteúdo denso desta tese de doutoramento de Alain Tranoy, fruto maduro de longos e perseverantes anos de investigação. É que não há ponto nenhum da história do noroeste peninsular na Antiguidade que aí não seja abordado, bibliografia que não tenha sido criticamente consultada, inscrição que não haja sido revista — Alain Tranoy não se limitou a trabalho de gabinete, foi aos locais, incluindo por isso muitos dados ainda inéditos. Uma obra que perdurará sem dúvida como manancial inesgotável, acervo de bem estruturada erudição, onde a nota de rodapé é sempre oportuna, lança pistas, esclarece dados, põe a questão no seu devido enquadramento.

Esse um dos aspectos que seduzirão o leitor de A. Tranoy: o casamento perfeito entre a erudição e o saber numa linha claramente definida de raciocínio intencional, servido por uma prosa que se lê com muito agrado.